

## O Japão pós-moderno: decodificação identitária na obra de Haruki Murakami

Profa. Ms. Mina ISOTANI<sup>1</sup>

### Resumo:

*Na obra Caçando Carneiros, do escritor nipônico Haruki Murakami, podemos delinear a reflexão de uma nova formação identitária da sociedade japonesa pós-moderna. O indivíduo busca o seu “eu real” perdido em meio ao cotidiano de imposições globalizantes e demonstra a estafa pelas regras sociais que criam barreiras estáticas na construção do sujeito. Nesse contexto, a figura de um carneiro branco, com uma estrela negra marcada na parte inferior do corpo, representa a quebra entre o existente e o “novo”. O contato com o animal proporciona clareza de pensamento e compreensão total do mundo em que vivemos. E é nesse momento, do encontro com o “outro”, que existe a abertura para a discussão quanto à formação “estrangeirizada” do povo japonês. Assim, baseada na teoria de hibridismo e identidade de Homi K. Bhabha, a presente comunicação tem o objetivo de apresentar uma breve análise das fronteiras culturais e suas implicações na construção identitária do “ser” japonês.*

**Palavras-chave:** Literatura japonesa, Murakami Haruki, pós-modernidade, identidade.

### 1 Introdução

Começo este artigo com o sentimento de inadequação, já que o Japão atual sofreu uma catástrofe natural de proporção jamais vista naquele país ou no mundo. Esse evento é um marco histórico de magnitude ainda desconhecida, que resultará novos processos de fragmentação e construção identitária. Contudo, para o presente trabalho nos ateremos à formação do sujeito nipônico no último século.

Para trabalhar as questões quanto à construção de mundo pós-moderno na obra de Haruki Murakami, antes, é preciso relembrar o encontro da sociedade japonesa com o mundo estrangeiro em dois momentos diferentes: o primeiro foi a Restauração Meiji – o Japão é obrigado a abrir seus portos após cerca de duzentos anos de reclusão - e o segundo foi a derrota na Segunda Guerra Mundial. Nesses dois momentos a maneira de pensar e “ser” japonês sofreram grandes mudanças devido ao encontro com o mundo Ocidental, em especial ao norte americano.

Apesar do Japão jamais ter sido colonizado por outra nação, acredito ser pertinente pensar na problemática que, tanto a Restauração Meiji como a Segunda Guerra Mundial, trouxe à conjuntura social japonesa. Homi K. Bhabha trabalha a questão da identidade e do hibridismo no contexto de um país colonizado por uma das nações hegemônicas e, de certa forma é possível incluir alguns aspectos similares ao processo histórico japonês, onde valores da cultural oriental e ocidental tiveram de coexistir.

Nesse momento de fragmentação, o indivíduo funde valores e ideologias num processo de reconhecimento do “outro” e, conseqüentemente, produz uma nova interpretação de sua identidade cultural. Contudo, antes de pensar no resultado dessa reavaliação de conceitos, o sujeito se utiliza de um ponto previamente conhecido para ilustrar e caricaturar a representação desse novo “espaço”. O teórico Homi K. Bhabha aponta que é necessário conhecer o lócus de enunciação do narrador ou os

“valores que constituem qualquer sujeito” (BHABHA, 2007) para entender a construção dessa ponte entre aquele que se desloca e o mundo a que vai de encontro. É por essa razão que se faz necessária a compreensão do desenvolvimento do pensamento moderno do Japão antes de nos aprofundarmos no trabalho *Caçando Carneiros*, de Haruki Murakami. O que buscavam? Quais foram as bases em que se apoiaram para construir o indivíduo japonês moderno? Como o escritor construiu e desconstruiu o homem moderno até propor o indivíduo pós-moderno? Essas questões servirão de alicerce na construção da reflexão proposta.

O debate constante dos escritores asiáticos do início do século XX era a busca pela “espiritualidade” perdida nesse choque cultural entre os dois mundos. De um lado, baseado no pensamento iluminista, o processo de modernização tinha como programa a industrialização e a educação em massa. De acordo com Edwin Reischauer a rápida modernização idealizada pelo Imperador japonês foi adotada como técnica para que o Japão pudesse se auto-afirmar como nação independente e se proteger do autoritarismo das nações hegemônicas. É nessa batalha que “[...] o lugar da diferença cultural pode tornar-se mero fantasma de uma terrível batalha disciplinar na qual ela própria não terá espaço ou poder” (BHABHA, 2010, P.59). O próprio teórico cita o “Japão de Barthes” como referência aos estudos que tinham como objetivo “tentar” compreender e atribuir uma imagem nova ao país dominado, deixando a idéia do autoritarismo mascarada.

Tais mudanças econômicas, sociais e religiosas afetaram o modo de vida da sociedade e causaram tamanho descontentamento que culminou em, pelo menos, 190 revoltas entre 1868 e 1878. No Japão, o regime Tokugawa do período Edo (1603-1868) tinha como objetivo preservar o poder político e manter a estabilidade social. Para tanto, utilizaram o conceito Confucionista da harmonia humana e imutabilidade natural dos princípios, para justificar a política rígida do sistema.

De acordo com os princípios básicos do Confucionismo, as virtudes essenciais são o amor ao próximo, a justiça, o cumprimento das regras adequadas de conduta, a autoconsciência da vontade do céu, a sabedoria e a sinceridade desinteressada. Tais princípios estão presentes nas obras do período Edo. Uma passagem de *O Pacto do Crisântemo*, de Akinari Ueda resume a idéia defendida pelo Confucionismo: “A vida e a morte são determinadas pelos Céus. Nenhuma doença é transmitida a uma pessoa sem o desígnio dos Céus. Tais conceitos são ditos por pessoas ignóbeis e eu não as acato.”<sup>1</sup>

Ainda segundo a obra, o *Hagakure* (Ética do Samurai), a sinceridade nas relações humanas era uma das regras a serem seguidas pelos samurais. No artigo *O Pensamento no Período Edo*, Madalena N. H. Cordaro destaca que: “...se algo se caracterizou como porta-voz de um pensamento neoconfucionista, este foi o bushidô, centralizado nos deveres para com os senhores, sem conflitos com os sentimentos humanos, ou melhor, os sentimentos humanos se realizam na plenitude da lealdade devida a seus superiores, numa metodologia de controle do instinto e até de autopreservação irracional...”. Ou seja, ultrapassaram o nível das diferenciações de classes, na medida em que todos seguem o mesmo caminho filosófico na vida.

Com a Revolução Meiji, a queda dessa organização social baseada no Confucionismo e a população já não tinha como base o sistema de classes hierárquico, o qual se acreditava ser decidido previamente pelos Céus. E, ao contrário do período anterior, quando a Literatura não era considerada atividade digna para um homem de caráter, a partir do final dos anos 1870, começou a surgir diversas traduções de livros, principalmente, de obras da Inglaterra, França e Rússia

O segundo marco de ruptura da estrutural social japonesa foi a derrota na Segunda Guerra Mundial, em que, novamente, a nação teve de lidar com a mudança de conceito em relação ao mundo estrangeiro. Até então a figura divina do Imperador jamais havia sido questionada. A partir desse momento, o Japão passou a perseguir o ideal progressista e individualista de que o forte é o melhor e a enfatizar os sentimentos como estética da beleza.

Essa ideologia moderna que esconde os valores racionais de dominação de um ser a outro são

---

<sup>1</sup> UEDA, Akinari- *Contos da Chuva e da Lua*. “Pacto do Crisântemo” . p. 38

incompreendidas pelos teóricos japoneses, que até a década de 70 abordavam o choque cultural como perda identitária em meio à globalização. De acordo com Stuart Hall, da mesma forma que “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2006, p.25), deixam de lado a ideia de linearidade e estaticidade cultural. Assim, os literatos buscavam, na beleza dos sentimentos e no poder da racionalidade, encontrar algo concreto para servir de alicerce na construção do sujeito nipônico. Essa base de pensamento Saussuriano não abarca as diferenças e contradições que existem na formação de qualquer cultura.

Quanto a esse aspecto, Fuminobu Murakami utiliza a teoria de Michel Foucault para explicar a problemática vivida pela sociedade japonesa, na tentativa de encontrar o “ser” japonês. Para formar uma identidade única e própria enfatizaram as características que os diferenciavam dos outros, mas deixaram de lado a construção e a autoconsciência do indivíduo em si. Foucault explica que isso se deve a postura em relação às estruturas de poder e que devemos esquecer o tipo de individualismo a que fomos impostos a seguir e temos de encontrar novas formas de subjetividade para nos encontrarmos como seres participantes do estado e não ao contrário.

Partindo dessa linha de pensamento o teórico Fuminobu Murakami coloca que as obras escritas por Murakami Haruki representam essa visão pós-moderna e os seus “[...] *the protagonists feel comfortable in distancing themselves from all extreme rationalisation, emotionality, totalisation, and individualisation, favouring instead indifference and detachment*”<sup>2</sup> (MURAKAMI, 2005, p.22).

Ainda, Mathew Strecher diz que Murakami Haruki é um dos escritores contemporâneos que se afastou do circuito da literatura “pura” ou dita Clássica, para trabalhar os aspectos das relações e inter-relações da sociedade japonesa moderna. Alfred Birnbaum reflete:

Desde o início da década de 80, uma nova geração de escritores japoneses emergiu para capturar o espírito elétrico e eclético da vida contemporânea nas metrópoles japonesas. Escolheram se expressar através de revistas de médio e pequeno porte – esses jovens autores evitaram os rótulos tradicionais como o *Jun Bungaku*, a chamada literatura pura e optaram pela ficção. (BIRNBAUM, 2005, p. 31)

*Caçando carneiros*, de título original *Hitsuji wo Meguru bôken* foi publicado em 1989 e faz parte da trilogia do personagem Rato. A personagem principal é um escritor que foi obrigado a partir em uma viagem para Hokkaido, região localizada ao extremo norte do Japão. A missão dada por um representante da extrema direita do governo era a de encontrar uma ovelha com a marca de uma estrela na parte inferior do corpo. Esse animal tem a capacidade de se apossar do corpo de um indivíduo, obrigando-o a realizar certas tarefas a seu bel-prazer. Em todas as ocasiões em que se afasta da pessoa, a mesma passa a sofrer com o vazio da solidão.

Um carneiro me surgiu em sonhos e me perguntou se podia passar para dentro de mim. Disse-lhe que sim. [...] Seus chifres torciam-se num ângulo estranho, as partes eram grossas e curtas, e os olhos, translúcidos como água nascente. O pelame era de um branco puro, mas nas costas havia uma área com pêlos castanhos em forma de estrela. Não havia carneiros dessa espécie em lugar algum do mundo. (MURAKAMI, 2010, p. 210)

O carneiro está relacionado tanto à modernidade como a perda da singularidade. O carneiro domina três pessoas. O primeiro foi um professor Universitário que assumira um cargo de

---

<sup>2</sup> [...] protagonistas se sentem confortáveis para se distanciarem da extrema racionalização, da emoção, da totalidade e do individualismo em favor do desapego e da indiferença”

relevância no Ministério da Agricultura. Ele fora enviado para a Manchúria com o objetivo de analisar o local para a criação de carneiros e por volta de 1935 o animal entrou em seu corpo. O segundo foi o comandante da direita. Apesar de ter nascido pobre, ele era filho do homem que comandou a invasão do território *ainu* (o povo indígena). O carneiro o dominou logo após sair do corpo do professor. O livro começa quando o animal empossa a terceira vítima, Rato, amigo do escritor e herói da história. Era filho de um executivo bem sucedido que ficou rico após a guerra sino-japonesa. Quando o protagonista encontra o fantasma de seu amigo, o mesmo explica quais eram as intenções do carneiro. O animal estava construindo uma rede poderosa em que o conceito de unidade seria completamente devastado. Todas as emoções, valores, idéias e até mesmo a dor desapareceriam. Para que isso não acontecesse Rato se suicidou enquanto o carneiro ainda estava em seu corpo.

Ele tem uma porção de tentáculos que introduz nos ouvidos e no nariz das pessoas, e os usa como canudinhos para sugar tudo.

[...] Não consigo explicar a situação em palavras. É como um cadinho que engole tudo. Lindo a ponto de você perder os sentidos, mas ao mesmo tempo medonho, de tão maldoso. Se você deixar seu corpo afundar nesse cadinho, tudo se apaga. Consciência, noção de valor, emoções e sofrimento, tudo desaparece. Assemelha-se ao dinamismo do instante em que a fonte da vida surgiu num pequeno ponto do universo. (MURAKAMI, 2010, p. 316)

Os três homens representam figuras reais desde a restauração do período Meiji. O professor era um intelectual ambicioso que tinha por tarefa unificar o leste asiático; o poderoso da direita nasceu pobre, mas fez parte do movimento agressivo japonês de expansão e manipulou o pós-guerra nas áreas política, econômica e a mídia; Rato era filho de um empresário que ficou rico tirando vantagem das guerras.

A secretária, que acompanha o protagonista reflete que a criação de carneiros no Japão é símbolo da modernidade. O animal foi apresentado aos japoneses um pouco antes da Restauração Meiji, durante o período Ansei (1854-1859). Eram importados dos Estados Unidos e criados no Japão. Porém, logo após a guerra a importação de lã da Austrália e da Nova Zelândia foi liberada e a criação não se fazia mais necessária.

O carneiro não serve apenas como um símbolo da modernidade, ainda é preciso analisar as intenções do animal. Rato diz que foi dominado por sua fraqueza quanto à moralidade, mas reuni todas as suas forças e se mata. Também está ligado à idéia da maneira de pensar moderna. Está ligado à trajetória da sociedade moderna japonesa, em que após duas grandes rupturas continuou “a pensar dentro de uma lógica política unilinear e irreversível, movida por alguma entidade abstrata que denominamos o econômico ou o capital que se desenrola rumo a seu fim pré-determinado” (HALL, 1988, p.283).

Se, de acordo com Stuart Hall, a construção da identidade é possível quando nos identificamos com os sentidos sobre a cultura nacional “[...] contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 2006, p. 32), a identidade moderna japonesa foi arquitetada com base no pensamento de supremacia e superação econômica e intelectual. *Gaman ga dekiru* é uma expressão que poderia caracterizar a força dessa ideologia e significa que o indivíduo deve ser forte e agüentar qualquer intempérie pelo bem maior da grande nação. Aqueles que não suportarem as dificuldades são fracos e contrariam o caminho da cultura identitária nacional.

Contudo, Bhabha argumenta que “as diferenças não podem ser negadas ou totalizadas porque ocupam de algum modo o mesmo espaço” (BHABHA, 2005, p.247). E é nessa linha de pensamento que as obras de Murakami são criadas. O protagonista de *Caçando Carneiros* se afasta da idéia moderna de que o mais forte, mais inteligente é também o melhor para a humanidade e passa para o progresso inevitável do pós-modernismo que leva em conta a dor, a fraqueza do ser humano.

Rato diz “A chave do mistério está na fraqueza. É aí que tudo começa” (MURAKAMI, 2010, p. 315). Ainda continua “[...] é claro que todo ser humano tem suas fraquezas. Mas a fraqueza verdadeira é quase tão rara quanto a força verdadeira. Você não conhece essa fraqueza que arrasta incessantemente para as trevas”(MURAKAMI, 2010, p. 316). Após ter consciência dos objetivos do carneiro, Rato vai para o local mais afastado do país com o intuito de se afastar das pessoas, para que as mesmas não presenciassem esses momentos em que se encontrava vulnerável.

Essa beleza campestre contrasta a da cidade e seria uma forma de trabalhar a pós-modernidade e uma saída para uma nova construção identitária, em que o sujeito não depende dos sentidos da cultura nacional e pode refletir sobre si e de que forma o seu “eu” se encaixa no mundo. O teórico Murakami Fuminobu reflete que isso pode trazer um paradoxo, pois se o protagonista criasse uma nova busca social, novamente, cairíamos no jogo dos ideais do mundo moderno, em que o indivíduo relewa o autoritarismo, o poder e o individualismo exacerbado.

Para resolver essa dualidade, o protagonista não discute e nem coloca suas idéias para contrapor ao do outro. Ao contrário, responde com a indiferença e desapego a símbolos de poder, consagração e reconhecimento. Essa falta de objetivo e competitividade é o oposto do ideal moderno.

Assim, para que as relações humanas não sejam sacrificadas, a teoria positivista presente nas obras de Haruki Murakami propõe ao indivíduo uma nova forma de enxergar e de lidar com os símbolos de valor existentes na sociedade atual. Para tanto, a construção dos protagonistas é baseada em características opostas ao do Japonês moderno e expõe a reflexão quanto ao progresso da humanidade. Ou seja, a identidade do sujeito pós-moderno seria edificada através da desconstrução do ideal anterior e fundamentada na pluralidade, em que a alteridade, como Bhabha trabalha em seus estudos, seria relevante para que as pessoas se tornem mais conscientes de si e evitem a imposição dos modelos sociais. Criando-se, assim, uma lacuna para uma nova construção social.

## Referências Bibliográficas

- ABDALA, Junior Benajamin. (org) **Mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- BENJAMIN, Walter. “Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo”. In: **Obras Escolhidas**, Volume III, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995
- LEITE, Miriam M. **Livros de Viagem – 1803 a 1900**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MURAKAMI, Fuminibu. **Postmodern, feminist and postcolonial currents in contemporary Japanese culture**. London: Routledge, 2005.
- MURAKAMI, Haruki. **Caçando Carneiros**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.
- MURICY, Katia. “Benjamin: Política e Paixão”. In: **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

---

## iAutor(es)

Mina ISOTANI, Profa. Ms.  
Universidade Federal do Paraná  
Departamento de Letras Estrangeiras  
[misotani@gmail.com](mailto:misotani@gmail.com)